

O menino-botão



O menino-botão



Amy Le Feuvre



São Paulo, SP

Copyright © 1896, Amy Le Feuvre

Título do original: Teddy's button

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP, — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1ª edição, 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Edição e tradução: *Paula Jacobini*

Revisão de texto: *Cesare Turazzi*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L433m Le Feuvre, Amy.

O menino-botão. / Amy Le Feuvre; tradução Paula Jacobini.
– São Paulo: Editora Gadel, 2023.

168 p.: il., 21 cm

Tradução de: Teddy's button

ISBN 978-65-981342-2-8

1. Literatura infantojuvenil – Aspectos religiosos –
Cristianismo. I. Le Feuvre, Amy. II. Jacobini, Paula, *tradutora*.
III. Título.

CDD: 028.5

Bibliotecário Responsável: Eliezer Lírío dos Santos - CRB 8/6779





Sumário

1. Uma antagonista	7
2. Cabo de guerra.....	21
3. Um sargento recrutador.....	39
4. Alistando-se para a vida	53
5. Primeiras vitórias.....	71
6. Os Casacas-vermelhas.....	87
7. Erguido e abatido.....	107
8. No campo de trevo	121
9. Perdido	137
10. Encontrado	155





Uma antagonista

Ele estava em pé, no centro de uma pequena multidão de meninos da aldeia. Sua cabeça dourada estava descoberta sob o sol escaldante, mas os cachos pareciam espessos o suficiente para protegê-lo dos raios solares, e ele estava absorto demais em sua ocupação para prestar atenção a qualquer desconforto causado pelo calor.

Um garotinho esbelto e frágil, com um rosto bem delineado e olhos azuis que, por sua vez, brilhavam de animação e depois se acomodavam em uma melancolia sonhadora, com um olhar profundo e distante.

Seus olhos estavam dançando e vibrando de empolgação agora, e todo o corpo do garoto tremia de entusiasmo. Com a cabeça jogada para trás, e língua, mãos e pés em movimento, ele parecia deixar seu público

completamente fascinado, e eles ouviam seu discurso com olhos e bocas abertos.

Com uma das mãos ele manuseava um grande botão de latão, que figurava de modo bem visível o centro de seu pequeno colete, e esse botão era o tema de seu discurso.

— Meu pai, ele correu para frente, gritando: “Vamos, homens! Vamos salvar nosso estandarte!”¹ ao que eles gritaram: “Viva!” em resposta.

“Havia armas sendo disparadas, granadas voando, espadas reluzindo e cortando, e o inimigo avançava com o rosto vermelho de fogo e dentes rangendo! Meu pai desembainhou a espada – e ninguém poderia enfrentá-lo, ninguém! Ele cortou e golpeou, e cabeças, braços e pernas rolaram tão rápido quanto um raio, um após o outro. Ele se lançou para o estandarte e, com um grito, enfiou a espada no corpo do inimigo que o havia roubado!

O inimigo caiu morto.

Meu pai pegou o estandarte e olhou em volta.

Ele estava sozinho!

1 No original, “The Colours”, uma referência às cores do estandarte do exército britânico. A captura do estandarte pelo inimigo representava grande desonra.

Os outros soldados haviam sido rechaçados.

Mas ele estava em pânico?

Não. Ele deu um alto ‘Viva!’, pegou sua espada e lutou para voltar, com o inimigo atrás dele.

Foi uma corrida pela vida, e ele correu todo o caminho de costas; ele não iria retroceder para o inimigo. Ele continuou, gritando ‘Viva!’, até que chegou ao lado amigo novamente e então dirigiu-se ao seu coronel. ‘Capitão morto, senhor, eu tenho o estandarte!’. Ele fez uma saudação ao dizê-lo, e depois caiu morto aos pés do coronel – sangue jorrava de seu coração, de suas roupas e deste botão!”

O pequeno orador fez uma pausa enquanto reduzia a voz a um sussurro trágico, e, depois, levantando-a novamente, acrescentou de forma triunfante:

— E trinta balas e seis espadas atravessaram o corpo do meu pai!

“Esse sim foi um soldado!”

— Ah, claro! — Murmurou uma pequena cética da multidão. — Foram vinte balas da última vez; diga logo cinquenta, Teddy!

— E essa é a história do meu botão — prosseguiu o menino, ignorando com desprezo a última observação.

— E seu pai tinha só um botão no casaco?

A voz era estranha, e os meninos se viraram para encontrar o olhar curioso de uma donzela robusta que, sem ser notada, juntara-se ao grupo.

Ela não estava vestida como uma criança comum da aldeia, mas com um pequeno terno de sarja de marinheiro, com um grande chapéu combinando, bem preso atrás, sobre um bom volume de cabelo escuro e solto. Era uma pequena figura quadrada, de bochechas rosadas. Seus olhos castanhos, franjados por longos cílios pretos, olhavam diretamente para Teddy com algo de desafio e desprezo em seu olhar.

Embora a princípio um pouco surpreso, Teddy se mostrou à altura da situação.

— Um botão! — Ele enfatizou. — O casaco foi enviado para a mamãe com apenas um botão sobrando. E se você — aqui ele se voltou para sua questionadora com um pouco de ferocidade —, se você tivesse passado por uma batalha tão sangrenta e matado tantos homens, você teria explodido e perdido todos os seus botões, e não sobraria um, como aconteceu com papai!

Houve uma salva de palmas diante disso, mas a pequena donzela permaneceu audaz.

— É uma história verdadeira a que você contou?
— Ela exigiu, com severidade em seu tom.